


Moreno Brandão

A Reabilitação de um Poeta

1932



A Reabilitação de um Poeta¹

(Prof. Felinto Cuntrim)

A sciencia da infelicidade é para quem veio ao mundo debaixo de signos funestos, uma grande sciencia, muito digna de ser cultivada.

Para ser desditoso, entretanto, ninguém se prepara.

Procura o homem os meios mais prompts para viver nas culminâncias da sociedade, nas regalias do poder, na fartura da opulência, nos esplendores da gloria.

Esquece porem, as diversas peripécias infaustas da vida, as alternativas da fortuna e a variabilidade caprichosa do destino, e nem sequer imagina que, assim como se nasce fadado para os deslumbramentos da Victoria, também se nasce destinados as displincencias das derrotas.

Em contraste com o typo do vencedor por mando do destino, há o que P. Lombroso, a intelligente filha de Cesar Lombroso, chama, em um livro mutio documentado, infeliz orgânico, e infeliz orgânico foi o professor Felinto Elysio da Costa Cuntrim.

Bastaria o facto de ser engeitado para dar a comprovação das más influencias sob as quaes elle estreiou a vida.

Certo, por mais affeição que uma pessoa mereça de uma senhora que independente do sacrificio da maternidade, se dedica por Ella, não deixou de constituir acerba tortura moral o desprezo a que se é votado por aquelles que tiveram a incubencia de velar por uma infância e iniciar na vida uma entidade qualquer e se furtaram a esse dever. é verdade que na Exm^a. Senr^a. D. Feliciano Maria Ramos, consorte do Snr. Manoel da Costa Cuntrim, encontrou Felinto Cuntrim desvelos maternas e no casal de que Ella era comparte, o nome de que usou e que teria glorificado muito, si não houvesse curvado a cerviz á força irresistível de um orgulho pessimamente orientado.

Um pouco mais de desdém pela pinião alheia, um pouco mais de espírito de combatividade ter-lhe-iam assegurado pleno triumpho, si elle quizesse aproveitar as faculdades insignes com que foi dotado e a opulenta cultura que, probidosamente, adquiriu, com esforço methodico e disciplina severa.

Mas Felinto Cuntrim, diante das accusações zargunchadas contra elle, ficou impotente para qualquer acção, como succede ao amante fervoroso, que se mostra desvirilizado diante da mulher loucamente desejada, que se lhe entrega.

A accusação que emmudeceu a voz de um poeta primoroso e fez com que existência devorada de promessas deslumbrosas tomasse rumo desacertado, sem a possibilidade de sahir do labvrintho por onde enveredou, foi a de haver Felinto Cutrim praticado uns dos quaes appareceu incisiva nas folhas da terra.

¹ Transcrito da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. BRANDÃO, Moreno. A Reabilitação de um Poeta, **Revista do IHGA**, V.16, ano 59, 1932, Maceió, Livraria Machado, p. 3-25

A accusação em si, dado que fosse provável, não deveria impressionar tão fortemente o poeta quanto o impressionou, visto como escriptores de faculdade geniaes e artistas dignos de louvores estridentes não se subtrahiram á increpação de copistas servis e inescrupulosos de seus antecessores.

Abra-se o livro dos Plagios, de Jorge Murevert e nelle se verão os assertos traçados a propósitos de fraudes literárias praticadas por Montaigne, Pascal, La Rochefoucauld, Corneille, La Fonuaine, Racine, Molière, Voltaire, Delille, Chateaubriand, Lamartine, Vibny, Balzac, Stendhal, Hugo, Musset, Baudelaire, Sardou, Anotole Fance, D'Annunzel, Rostande, Jean Lorrain, etc.

No Brasil soffreram também a increpação de plagiários, entre outros, Salles Torres Homem (Visconde de Inhomirim), Raymundo Correia, Graça Aranha, Nilo Peçanha, Elysio de Carvalho.

Até no domínio das artes, Pedro Americo foi acerbamente accusado de copista desonesto em algumas de suas telas guerreiras, sendo seu accusador o architecto Béthencourt da Silva, fundador do Lyceu de Artes e Officios, do Rio de Janeiro.

Nenhum dos individuos citados deixou de continuar nas lides em que se estream porque lhes puzeram em duvida a probidade literária ou artística, e attribuiram a outros o que elles haviam aprezentado como concepções próprias.

Felinto, porem, amudeceu, embocado na indumentária sombria de sua revolta.

Entretanto, uma pesquisa honesta, uma critica sem segundas intenções, um julgamento destituído de propósitos de malevolência evidenciarão que Felinto, Elysio da Costa Cuntrim foi um criador excelso de bellezas e não um simples plagiário.

Nos jornaes do tempo em que appreceu seu livro de poesias (1871), ainda mesmo quando lidos com o maior cuidado, apenas se encontrarão do seguinte jaez:

Flores Murchas.

Há pra vender nesta cidade, e por baratíssimo preço muitas colleções de flores, que, ao serem roubadas dos jardins de seus donos, ficaram Murchas, mas que ultimamente, descobrindo-se o audacioso roubo de que foram objecto, são merecidamente denominadas Flores Podres.

Quando murchas, impingia-se por \$ 5.000 cada colleção; depois que apodreceram dão-se quase de graça aos quitandeiros e vendedores de missangas, que se utilisão do papel que as contem para embrulho de Pomada rançosa e fedorenta.

Grandes depósitos á Rua da Imperatriz, quintal do Lyceu, defronte do theatro e casa em construção na praça do Mercado e esquina da rua Augusta.

A ellas antes que se acabem.

(Do Provincialista, anno I, n. 7 de 5-10-1871)

Isto não é critica, não é também denuncia fundamentada: é meramente insulto do genero ignol das mofinas.

Com estas palavras não se faz prova contra a autoria de Felinto Cuntrim a respeito das Flores Murchas.

Que elle é realmente o autor da collectanea de versos se prova com os seguintes argumentos:

a) Todo escriptor tem determinado acervo de palavras de se serve constantemente. Felinto usava iterativamente das palavras: onda, sol, meigo, suspiro, suspirar, briza, fada, cimo, sombrio, fulgor, arcano, relva, niveo, ufano, paraíso movioso, agonia, véo, narrar, degredo, prado, pudibundo, etc.

Ora, si elle não se apropriou de versos de um só autor, não poderia ter essa unidade de vocabulário, que era acompanhada de grande unidade de orthografia e de signaes da pontuação.

b) Com palavras diferentes Felinto retorna sempre ás mesmas imagens.

c) Os versos escriptos vibram constantemente as notas amorosas ou encerram grandes provas de mysticismo religioso.

d) A menos que elle, não tenha plagiado a um só escriptor, conforme já deixamos entrever, assombro como este poeta alagoano conseguiu uniformizar tanto a sua obra que lhe imprimiu cunho pessoal indiscutível.

e) Na obra de Felinto, que se diz ser reprodução vergonhosa e servil de escriptores francezes, há claras, reiteradas e insophismaveis demonstrações de brasilianidade. Livros como o que tem o feio titulo de—Flores Murchas—só podiam ter sido escriptos por brasileiros.

f) Si em simimilhante livro se vislumbram frisante indícios da influencia de autores estrangeiros, como Llamartine, Jorge Sand, Flanguergues, Victor Hugo, Zorilla, Regaldi, Aboim e muitos outros, também se restreia, mais insistente e constante, a influencia de Gonçalves Dias, Fagundes Varella e Macedo.

g) Outra razão, que merece encarada devidamente, vem restallar perante as consciências rectas o nome do bardo alagoano, tirando-lhe os tisnes que a calumnia lhe deixou e limpando-o dos pingos que lhe foram postos tremendamente na fama.

Essa razão é a seguinte: Si elle era irmão de um homem de talento perigrino como Dias Cabral, que tantas producções excellentes deixou, porque não teria igualmente o dom infeliz do talento?

De qualidades intellectuaes tão poderosas quanto as de seu irmão foi doado, o que se demonstra não só no livro que lhe augmentou as ingênitas desventuros, como em todas as manifestações de sua vida.

h) Quantos conviviam ou simplesmente palestravam com o professor Felinto ficaram sob a fascinação de sua conversa, si elle tivesse mais comedimento em julgar os outros o que não acontecia, visto como por toda a parte punha a nu e desancava de rijo a ignorância espessa que lhe constituía o ambiente social, proclamando-a impiedosas, ferinas e urticantes.

j)Essa deselegância de proceder a que acima nos referimos,não obstava a que Felinto Cuntrim tivesse mérito real e transcendente,que foi reconhecido e proclamado pelo próprio Dias Cabral,bem como por Ignacio Passos Junior e pelo padre Amancio das Dores Chaves.

Dias Cabral, homem de caracter muito sisudo, enalteceu, com a isenção que lhe era peculiar, valor do engenho de seu irmão por bastardia.

O padre Amancio das Dores Chaves conferiu-lhe, em cursos de risível fragilidade, o titulo de amigo.

E Ignacio Passos chegou a clamar a Felinto Cuntrim;

“Mancebo: Além! —Que a eternidade é tua”.

Seria difficil enganar a tanta gente, praticando fraudes literais em desfavor de não apontado poeta francez,ou de um vago rapaz do Maranhão,cujo nome se perdeu,ficando apenas contra o autor das Flores Murchas um libello tremendo,que nunca o deixou de se perseguir e de ser repetido.

Dizem que as argüições feitas então a Felinto Cuntrim doeram-lhe tanto que elle se meteu num quarto donde sahiu aleijado de um braço e de uma perna e completamente encanecido.

Parece que essas affirmações não têm fundamentos e são verdadeiras lendas,da ordem daquelles que se vêm na biographia de todos os homens superiores.

A respeito do cantor alagoano muitas outras historias phantasticas se espalharam.

Delle chegaram a dizer que havia aprendido francez,que mais tarde deveria professar,com tanto brilho,no Lyceu Alagoano,em demorada viagem que se á Belgica.

Destruídas as lendas recentemente apontadas, entre as quaes a do plagio possui os timbres de inépcia requintada e de aleivosia insigne, façamos ao nosso talentoso conterrâneo a justiça de que e digno tão grande poeta.

Nascido numa época revolta, em que o paiz estava entregue a um governo provisório e em cada uma das Provincias brasileiras estalava um omtim,o bardo alagoano devia participar do excesso de nervosismo próprio de seu tempo,reflectindo as duvidas,as apprehensões e o desequilíbrio.

Junte-se a isto a gestação de que proveio, cortada de sobresalltos,atormentada de vergonhas,dilacerada de angustias,a ver-se-á o que poderia ser quem de tantas agonias chegava á existência,opulenta pelos dotes excelsos de uma intelligencia facultada,num meio aldeião,onde as abelhas da coscuvilhice sussurram diffamação e as vespas da inveja cravam em quem possua valor intrínseco o venenoso e aguçado ferrão

Junte-se a isso ainda o sentimento de inferioridade peculiar a um engeitado,a quem não faltam indivíduos perversos que apontem como rebutalho de amores clandestinos e inconfessáveis.

E quando se pensa na somma dos auspícios funestos destinados a dor a Felinto Cuntrim um horóscopo tenebroso, auguralmente crocitado como os ensalmos do corvo de Edgard Poe, ainda se encontra, para explicar a odyssea pungente de sua existência, os pendores literários dominantes na quadra de sua formação mental.

Felinto Cuntrim veio ao mundo em pleno romantismo e mesmo que a orientação do Visconde de Araguaya, precursor dessa escola no país e poeta de inspiração muito plácida e de manifestações quase prosaicas, não concorresse para lhe apontar um itinerário cheio de perigos, apontal-o-iam os escriptos de liagua franceza tão familiar ao nosso conterrâneo.

E, assim sendo, elle julgava que sua permanência em uma Provincia vizinha de Alagoas era um exílio semelhante ao que apressou o desenvolvimento da tuberculose de Casimiro de Abreu.

A morte de um filho se lhe afigurava uma catastrophe inadjectivavel.

Uma desilusão de amor parecia de absolute desanimo para proseguir em qualquer gênero de actividade.

Para os românticos a vida não devia apresentar contrariedades.

Porem, ainda que, excepcionalmente, assim fosse, elles, no habito risível de se lamuriarem, inventariam motivos de queixas infindáveis.

Em Felinto Cuntrim apparecem também dessas queixas, mas elle escreveu poesias dignas do nome de anacreonticas e nas quaes perpassa um tom de grande jovialidade capaz de insulflar na alma combalida influências da coragem prestes a se desvanecer de todo.

Alguns exemplos a respeito de suas tendências para escrever ou para entoar canções álacres elucidarão melhor a affirmativa.

Na poesia Suspiro do Exilio fala elle a respeito da noite, conceituando o seguinte sobre as horas dessa parte do dia:

“Horas são de suspiro e saudades
Para aquele que traga o fel do exílio,
Sem achar um amigo que o console,
Um coração que guarde seus segredos”.

Adiante accrescenta:

“Existencia fatal—vida de morte!...

Aqui—juncto do mar, sozinho e triste,

A minha doce patria—o lar materno “...

Ao pé dessa poesia cheia de tristeza e lamurias fica outra alegre e encorajadora. É a dominada— A manhã. Eil-a:

“Como é bello esse vasto horizonte!...

Como a terra se ostenta gentil!...

Como é bella a montanha azulada,

Namorar a corrente de anil!...

Como é belo esse campo esmaltado

De florinhas e fresco verdor!...

Como é bella essa aurora que surge

Acordando na selva o cantor!...

Triste o mocho sinistro iá foge,

Deslumbrado com o brilho da luz;

Surge a vida e as sombras s’extinguem,

Mil encantos renascem a flux.

Já não brilham no espaço infinito

Mil estrellas de meigo pallor;

Da rainha formosa da noite

Resta apenas, um débil fulgor.

Preguiçosas no humido leito,

Onde as brizas as vão accordar,

Vão as ondas a custo impellidas

Sobre as rochas gemendo expirar.

Os cabeços das altas montanhas
Pouco a pouco eu já vejo luzir;
Vejo as minhas águas da fonte,
Chrystalinas espelhos fingir.

Mas lá surge o monarcha dos astros;
Ninguém pode o seu brilho fitar;
Com as galas do rico oriente
Vem o pranto da aurora enxugar.

Salve! ó astro brilhante do dia!
Maravilha de um Deus creador!
Salve! imemmenso pharol do universo!
Salve! Imagem fiel do Senhor!...”

Em contraste com esta poesia Felinto escreveu outra denominada—A Noite. Nessa descobrem-se os queixumes que todos os poetas do tempo puzeram em seus danado a entender o contentamento tinha disertado da terra, como hoje, em vistas do tom faceto e humorístico dos discursos, contos, romances, artigos de jornaes, etc... parece que os homens de letras ou perderam o juízo, ou aspiraram gaz hilariante.

No citado poema se vê a seguinte confissão:

“Minha alma é como a flor singela e triste
Que a noite vem abrir;
Fechada á luz do sol a noite, apenas,
Alegre a vê sorrir”.

Trabalho inferior se lhe segue na glosa insulta por elle dada ao mote.

“Cortou a mão do ciúme
Semente que amor planidra”.

Canto íntimo é a poesia seqüente. Pode ser francamente e sem o menor desarposta em paralelo com a generalidade das composições dos nossos poetas, mesmo dos mais afamados.

Não significa isto que Ella se eleve até a altura das poesias.

—Em despedida, de Gonçalves Dias, Meus oito anos, de Cassimiro de Abreu, ou do Cântico do Calvário, de Fagundes Varela. Mas se equipara com outras de inspiração menos alada, grandiosa e magestática, provindas das pennas dos bardos citados.

Outro tanto se pode dizer de—Suspiro Mensageiro, cujo título é muito prosaico e não deixa de perceber o que vai de alto, puro e luminoso nesse punhado fulgurante de versos.

Nelle o amante ausente do objeto de seus amores revela as indecisões que o ciúme perfeitamente explica exaggera as maguas da separação e diz tudo quanto era de uso dizer a propósito na phase mlacrimal do romantismo.

Mas o diz de um modo envolvente com se vê nas modulações desta estrophe:

“Oh! Não façam que seus olhos

Vistam das trevas do véo;

Apenas lagrimas tristes

Derramem fitos no céu”.

Na verdade dos versos felintianos vem, após o que acaba de ser commentado, delicioso poema.

É uma poesia muito curta e muito grácil, si fosse conhecida em outro meio que não o de Maceió de 1850 a 1870, teria se vulgarizado muito, á força de repetida.

Mettida no escrínio dos versos do lendário misanthropo conservou sempre um valor muito apreciável, quando apparece aos olhos dos leitores:

“A uns olhos”

Vi uns olhos de donzella

E que lindos qu’elles eram!...

Quizera não os ter visto,

Pois tanto mal me fizeram!...

Eram tão lindos, tão bellos!
Eram mesmo de encantar;
Brilhavam como as estrllas
Estão no céu a brilhar!...

Mas hoje devo esquecel-os;
Foram falsos e traidores,
Nunca os devera ter visto,
Que me mataram de amores!...

Composições desta ordem poderiam ser subscriptas por homens do porte de Gonçalves Dias, e dir-se-iam nascidas dos seus momentos de mais deliciosa inspiração, quando a musa encantadora deixava de parte as suggestões allenigenas para lhe fallar no tom grácil, mysterioso e sonoro, que sempre teve o condão de transmitir aos genuínos poetas nacionaes.

O mesmo sentimento que, aéreo e suave, perpassa nessas quandrinhas, pode ser descoberto nos versos mais amenos de João de Deus.

Os de Felinto Cuntrim foram escriptos há 82 annos e não perderam sua actualidade, sendo agora capazes de conferir intensos prazeres estheticos a quem os ler.

Só nessa possibilidade de ser contemporâneo de todas as eras palpita e freme vigorosa, estuante a capacidade intellectual de Felintro Cuntrim.

Elle tambem teve a dita de raramente beixar do fastio a que se elevou. Assumptos mediócrees nunca o seduziram. Assumptos grandiosos raramente foram tratados por elle sem elevação notória e admirável.

Leiam para ficar certos disso e também se convencer de que a sua poesia tinha sempre expressão, os lindos poemas denominados Minha Lyra, Amor da Infancia, Visão, Amor e Medo e varias outras.

Detenham-se depois a saborear estes versos que nos apontam uma forte imaginação criadora destinada a superar a de todos os êmulos que andaram em torno do autor das Flores Murchas murmurando infâmias e tomando ares de severos moralistas:

“Tarde te vi, mulher; que esta existência
Pouco a pouco resvala na agonia;
Poque perdi as illusões brilhantes,
Com que outr’ora sonhara a phantasia

Tarde luziste, minha linda estrella,
Sobre o denso horizonte desta vida:
Tua luz é brilhante e casta e pura,
Mas para o—cego—a luz sempre é perdida.

E,contudo,mulher,eu te amo ainda,
Embora um triste amor só possa dar-te;
E’s o ultimo sonho de minh’alma,
Como ao ultimo sonho, quero amar-te.

Outr’ora via calma aproximar-se
De mim, com passos lentos, lenta morte;
Mas depois que te vi, depois que amei-te,
Virgem e de te perder lastimo a sorte!...

E’s o amor mais puro, o amor mais bello,
Que na vida sentiu meu coração;
E’s a ultima flor das crenças d’alma;
Ah! Não sejas também uma illusão.

Talvez que um dia...porem não,não quero
Mas esperanças levantar nos ares;
Estou cansado de frustadas vel-as,
Estou cansado de chorar pesares”.

Aproveitando uma imagem que scintila entre as pedrarias offuscantes desse escrínio agora exposto à contemplação, lembremos que, para o cego, como disse o poeta, a luz sempre é perdida.

Cego, no caso vertente era o público para o qual Felinto Cuntrim no desejo frenético de aplausos, escrevia tão linda composição.

E, porque não lhe podiam avaliar o mérito, insultaram-no, maturam-lhe nos lábios a palavra maviosa, que traduzia as próprias maguas e as maguas de colectividade!...

O poeta emmudeceu de vez. Como lhe tinha sido immensamente penosa a experiência resultante da divulgação de seu versus, preferiu o silêncio á sentença apaixonada que provinha de juizes civados de falsia e privados de isenção de animo.

E assim aquelle que só a longos espaços poetava, datando a primeira de suas poesias de 1849 e a ultima 1865, preferiu não vir mais a público trazer o testemunho de sua inspiração magnífica, solene e olympica, tão francamente perceptível nesta composição denominada Enlevos:

“Virgem, porque nos meus sonhos

Te aspiro o casto sorriso

E procuro o paraizo

Ao lume dos olhos teus?

Virgem dize-me que sina

Me fadou eternamente

A casar na Lyra ardente

O teu nome aos cantos meus?

Virgem, porque nos teus olhos,

Sob a pálpebra mimosa,

Sinto mais pura e formosa,

Acho mais serena a luz?

Mais que os das viregem que encantam

São negros os teus cabelos,

Mais que os das virgem são bellos

Teus ebúrneos braços nós!

Porque é que a voz que soltas
Tem fragancias peregrinas,
Tão suaves,tão divinas
Que arrebatam o coração?
Virgem,porque,nos meus sonhos,
Tu mostras na face pura,
Casta,ideal formosura,
Como as virgenes de Sião?

É porque bem dentro n'alma
Te eregi singelo templo!
E dalli eu te contemplo
Em teu divino esplendor;
Alli anjo mavioso,
Te sculpi a imagem linda;
Ah!deixa que eu diga ainda:
—Esse anjo choma-se amor.

Porque no ermo da noite
Ao sussurar da folhagem
Me apraz seguir a miragem
De uma cândida illusão?...
Porque divago na praia;
Porque me debruço á fonte,
E sigo até o horizonte
O luar da solidão?!..

Tem sol áureas beleza,
Brilhantes pompas,o dia;
Tem phantastica harmonia
A luz do primeiro alvor!
Mas eu prefiro o crepúsculo,
Da noite e véo nebuloso,

Da vaga o—ai—lastimoso,
Prefiro—tenho-lhe—amor1

Que importa se entre as virgens
Tens da formosura a palma,
Si no livro da minh'alma
Só tu soubeste escrever?
Si entre as formosas da terra,
Para a fronte engrinaldar-te,
Para te seguir,para amar-te
Te foi minha alma eleger.

Virgem,s'inda nos meus lábios
Não quizeste ler—vaidosa!
A phrase curta,anciosa,
Que o pensar d'alma traduz;
Pergunta á briza da noite
O nome que ella,passando,
Me foi dos lábios roubando,
O nome que ella conduz.
Pede á fonte suspirosa,
Que,em seu murmúrio cadente,
Te diga o nome innocente,
Que ao som das águas voltei:
Interroga a noite amena,
Pede-lhe o nome sudoso
Que a seu hymno magestoso
Na minha Lyra ajuntei".

É deliciosa esta pagina de versos. Nenhum leitor deixaria,ao vel-a,de se sentir encantado com a arte de Felinto Cuntrim. As imagens contidas nella têm belleza a

originalidade. Ninguém as deparará sob outras roupagens em nenhum livro de versos. O sentimento que dahi resuma é da mais perfeita brasilianidade, que sempre existiu nas poesias do nosso conterraneo, tão maltratado pelo destino.

Todavia cumpre mostrar que o regionalismo do poeta alagoano esteve mais exclusivamente nos seus surtos e na maneira de revelar as próprias aspirações, as saudades, os amores, as impressões disgeneres da vida quotidiana do que em mostrar, por meio de largas descrições, os painéis apresentados pela nossa natureza tão original e bizarra em cada um de seus facultosos scenarios.

Para completar os conceitos externados sobre as qualidades predominantes no poeta dos Enlevos cumpre fazer, dois paralelos.

Pelo primeiro Felinto Cuntrim será posto em cotejo com os aedos da Provincia. Ver-se-à então que nenhum delles o supera e que na hierarchia de nossos cantores um dos lugares precípuos cabe justamente áquelle que por um conjunto fortuito de circunstancias adversas, nunca teve na sua própria terra, o preço de que é plenamente merecedor.

Pelo segundo qualquer analysta poderá chegar á conclusão de que Felintro Cuntrim fica na mesma plana em que se acham muitos dos mais aclamados poetas de outras Provincias, os quaes tm o nome inseto na historia da literatura nacional e as poesias estampadas nos mais formosos florilégios.

Uma dessas qualidades é a perfeição com que o professor Felinto Cuntrim metrificava.

Si esse facto hoje não importa em elgio do poeta, horem o indigitaria aos louvores dos Zoilos e dos Aristarchos, attenuando-lhes a severidade do julgamento.

Em opposição absoluta com a poesia Enlevos se apresenta um soneto dedicado ao anniversario natalício de pessoa, cujo nome o nosso cantor não apresenta, deixando-o envolto no myterio das reticências.

É uma poesia fraca em que, ao contrario do que habitualmente succede nos versos deste poeta, elle esquece a severidade empregada no tracto da língua. E desse olvido resulta servir-se do verbo amar no sentido de gostar de, uso que tem o sabor gallicano.

Em Estrela Fatal, versos brancos moldados á feição do mais absoluto romantismo, se encontra accentuada reminiscência hugoniana no seguinte trecho:

“Estava immovel ante aquelles olhos;
Via arquejar níveo seio,
Por cujas pulsações ou dera, ufano,
Os céus, o espaço, o paraíso eo mundo
Si regeira de Deus o sceptro immenso”.

A poesia que deixou tão profunda reminiscência em Felinto Cuntrim, parecia causa-lhe o maior deleite, tanto que a imitou uma vez e de outra a parafrazeou superiormente, como se verá pelas seguintes transcrições:

Eis a imitação:

“Si nesta Lyra um hymno eu possuísse,
Que’achoasse as canções do paraizo,
Bem pouco fora, ô bela, para dar-te
Em troca dum sorriso.

Si eu puzesse a teus pés áurea coroa
D’um reino que abrangesse a terra e os mares,
Fora inda pouco, ó virgem, p’ra pagar-te
Um só dos teus olhares

Fossem meus o universo, o espaço, os astros,
O tempo, a eternidade, a terra e o céu,
Qu’eu tudo dera, ó anjo de minh’alma,
Por um só beijo teu”.

Ei o parafrae:

“Donzella, si eu fôra rei,
Oh! De bom grado daria
Toda a rica pedraria
De um valor—que nem eu sei!...
E não só jóias e ouro
Mas outro maior thesouro
—Meus scepto e c’rôa de rei—
Por um só olhar dos teus!
Si rei fora, mas Deus
Daria os mares e a terra,

E os milhões de astros que encerra
O amplo espaço dos céus,
Os sons do mar gemebundo,
A eternidade e o mundo
Por um só dos beijos teus”.

Confrontada a tradução da poesia expressiva e suave de Victor Hugo com outras versões, que apareceram no Brasil, chega-se facilmente a conclusão de que a do malsinado poeta alagoano é das mais bellas. Para obter essa Victoria possuía elle não só o talento, como também a noção perfeita do idioma francez e do vernáculo.

A outros dotes naturaes juntava esse adquirido sob a orientação de bons professores e por força da applicação que sempre o distinguiu até os últimos dias da vida.

E foi PR lhe conhecerem a alta competência magisterial que o fizeram, a principio, substituto de línguas no Lyceu Alagoano, depois lente cathedratico do idioma de Lamartine, e muito mais tarde, revisor dos trabalhos feitos no mesmo idioma pela commissão do norte.

E foi ainda por contar fartamente com esses elementos de êxito que elle se tornou na Provincia o maior poeta de seu tempo, cultivando principalmente o gênero de poesia que não é muito da preferênciã dos poetas nacionaes, mas é bastante seguido por nossas poetistas.

Contudo ellas, sempre superiores em outras formas de poetar, seguindo o lyrismo religioso, genro poético ao qual nos referimos, não deixam ao longe a vulgaridade ou mesmo a chatice.

Em Felinto Cuntrim não se verifica isso, pois tanto a forma como o conteúdo de seus versos encerram primores admiráveis e uma certa tendênciã philosophica a que sempre se esquivaram, por influxos da própria índole, os nossos patricios. É preciso muitíssimo talento para conseguir agradar tratando de assumptos mysticos. Mas, dado que Felinto Cuntrim nem sempre conseguisse se fazer empolgante com as suas poesias inspiradas por themas piedosos, tem, em outras opporrtunidades, raptos verdadeiramente admiráveis.

Nenhum desse se descobre na poesia religiosa denominada—A Noviça—, onde há muitos versos brancos de visível prosaísmo.

Mas, ainda assim, nessa composição se encontram lindas imagens, que separados do corpo do poema, perdem o valor que teriam no conjuncto.

Nessa poesia influiu um tanto Fagundes Varella, mas si Felinto Cuntrim seguiu as pegadas do poeta fluminense, autor da mais bellla das elergias escriptas em língua portuguesza—o já citado Cantico do Calvario,—não chegou a orçar pela altura

vertiginosa a que se librou nas asas de um sentimento tão forte quanto ephemero o tresloucado escriptor.

O seu influxo está claramente patenteado nos seguintes versos felintianos:

“Virgem,que negro fado fulminou-te,
Inda róseo botão,mimoso e lindo,
Na flor da vida a des’brochar tão puro!
Mal tentaste mover tímidos passos
No theatro do mundo,

Cahiste logo;—criancinha débil,
Que no tecto fitando os olhos vivos,
Emquanto folga,vendo os arabescos,
Incanta vai...tropeça...e cai...e chora!
Assim sonhaste em amplo sudário,
Que amigo,ignoro genio desdobrava
Como um céu sobre ti:—Ahi traçado
Em mystico idioma amor tu leste!
Ahi ventura em áureos caracteres,
Desenhara hábil mão do mago sonho!
E ventura dizendo após correste.
E soletrando amor ferveu-te o sangue!”

Não podemos acompanhar o poeta que escreveu A Penna Felintro Cuntrim também não se distanciou muito delle não só na poesia em apreço como em diversas outras que elaborou durante cerca de 20 anos no quaes se mostrou muito e mutio escasso no produzir.

Mas do que delle ficou se poderia dizer em favor do poeta,si lhe houvesse detidamente examinado os versos.

Por infelicidade,o autor das Flores Murchas,principalmente por causa de seu character borrascoso,não teve críticos.

Teve,porem,e em berda,diffamadores que nunca lhe pouparam argüições ferinas,mas se eximaram sempre a documentar os seus assertos caluniosos

vulgarizados pelo meio alagoano e criados sem menor discernimento pelo vulgo ignaro.

Apesar disso, Felinto que de si mesmo dizia um mancebo orgulhoso e não fingido, cujo sonho era somente amor e gloria, deixou credenciaes capazes de lhe rehabilitarem o nome na posteridade.

Essas credenciais vamos encontra-as em muitas poesias, das quaes enumeraremos as seguintes: Visão, um punhado de versos euphonicos e dulçorosos; Perdida, boa poesia, eivada da tendência moralizadora peculiar ao romantismo; Amor e Medo, em que influencia poderosamente no thema a insperação de Cassimiro de Abreu, É tarde, em que bastaria a seguinte imagem—mas para o cego a luz sempre é perdida! Para se evidenciar o talento do poeta.

Não menos lindas, não menos reveladoras da musa propicia e augusta de Felinto Cuntrim foram mais as seguintes poesias que, devidamente conhecidas no tempo em que foram escriptas, chamariam as attecões brasileiras para este recanto do Brasil, onde versejava tão brilhantemente um poeta como o desditoso professor: A Vida, poema cheio de espesso e doloroso pessimismo; Goivos e Saudades, elegia em que transparece um sentimento profundo que o aedo infortunado procurou intencional ou inintencionalmente, velar aos olhos do mundo.

No livro terceiro das Flores Murcaha há boas composições poéticas reveladoras das inclinações pias de Felinto Cuntrim.

Didtinguimos dentre ellas: A Biblia, muito embora contenha affirmações errôneas, como a que se vai ler:

“Grande forte, Israel!—A tua historia
É grande como tu, sem par na terra!
Graves heroes, auteros patriarchas,
Poetas immortaes, tiveste tudo!”

Natal é um complexo de versos fortes, numerosos expressivos, em que não simplesmente a musa regional, porem a musa trigueira do Brasil tem um alor magnificante e aquilino. O parallelo estabelecido entre Roma poderosa, privada dos inimigos que a fizeram viver, e entregue a todas as dissipações, e o mundo novo que deveria surgir do nascimento de Chisto, é bellissimo e revela não somente o talento do poeta como a cultura do mesmo.

Esse poema pode figurar como acabado modelo de perfeição nas anthologias colligidas para as escolas. Porem onde o poeta mostrou todo o dynamismo de sua intelligencia thaumaturgica foi na poesia Jesus Christo, agora para aqui merecidamente trasladada:

“Oh! Christo ! banha-te a fronte
De sangue,em ondas,um mar!
De teus olhos,viva fonte,
Vê-se o pranto rebentar!
Eu gemo também contigo,
Eu tenho por inimigo,
Também o mundo cruel!
Sinto arder-me numa frágua,
Abraza-me a sede d’agua,
Devoro a taça de fel!

A fronte me prende triste
Dos braços da minha cruz!
Mas a fé contigo existe,
Ainda te invoco,Jesus!
Quebra da terra as cadeias,
E minh’alma que incedeias,
Deixa-a,deixa-a revoar;
Deixa desprender da vida,
Vagar nos astros perdida,
Até o céu encontrar.

Nos duros,agros caminhos
Da minha p’reginação,
Cingi a fronte de espinhos,
Rojei a face no chão.
Meu peito já mal respira;
Quebrada me foi a Lyra
Por satânico poder!
Murcha a c’roa de poeta,
Ficou-me a dor do propheta
E o exilio—p’ra morrer!

Morte,vem!—extingue a calma,
Em que me sinto abraçar!
Ergue-te aos céus,ó minh'alma,
E deixa-me o corpo ficar!
Tributo rendido á terra,
Um templo que não encerra
Imagem para adorar,
Pó e cinza derramada,
E qual lampada apagada,
Esquecida e sem altar!

Oh! Christo! Na senda agrste,
Também sinto os pés cortar!
Duro manto,que me veste,
Quis-me a turba retalhar!
Também tenho o meu Calvario;
E denegrilo sudário
Me deve triste envolver!
Nos transe da desventura,
Pelas ruas da amargura,
Não pude o rosto esconder.

Não pude!—que turba insana
Pelas praças me apurou!
Soltou-me o grito de—hosana—,
Escarneceu-me e passou,
E passou ébria,açulada,
Com face condenada
A sorrir ao crime e á dor!
A bradar-me desabrida:
—Tua missão é mentida,
É falsa a voz do Senhor!

A turba é ímpia,descrida;
É só dos bardos a fé!
Nunca,banhadas de canto,
A's turbas surgiu de pé!
Nunca, banhadas de pranto!
Ergueram aos céus um canto,
Implorando-lhe perdão;
O seu canto neste mundo
É um grito furibundo
De terrível maldição!

Oh! Christo!—si tu soffreste
Muito mais que minha dor,
Quando o teu calix bebeste
De venenoso amargor:
Eu sou fraco,—tu és forte!
Abre-me as portas da morte,
Que já não posso viver!
Quero-me então confundido,
Ser como um astro perdido,
Que os homens não possam ver”.

A critica não pode deixar de tecer louvores á essa reunião de apostrophes exhalados por uma alma combalida de torturas.

Muitas poesias inferiores e esta são apontadas aos comentários benévolos e aos gabos excessivos.

Mas a denominada Jesus Christo e elaborada pelo rhapsodo alagoano, passou despercebida, se é que não aguçou a inveja odiosa e execranda da Provincia,que,alem de ser uma zona de silencio,ainda se meteu a hostilizar todos os talentos aqui apparecidos e com os quaes Maceió poderia ser uma cidade de extranha relevo no mundo mental do Brasil.

Justamente por aquellas causas que enalteceriam um filho de qualquer outra paragem,a metrópole alagoana,orientando falsamente o restante do Estado,deprime e emmudece os seus naturaes,representativos dos mais altos valores.

Assim aconteceu com Felinto Cuntrim, autor da seguinte oração em verso, tão cheia de contricção e doçura:

Ave! Maria

Ave! Maria,
Que neste dia
De pranto e dor,
Oh! Casto lírio,
Viste o martyrio
Do Salvador.

Cheia de graça,
Viste-lhe a taça
Beber de fel!
Mãe sem conforto
Do filho morto,
Viste o painel!

Deus é contigo
No eterno abrigo
Da salvação;
Virgem celeste,
Que aqui soffreste
Cruel paixão!

Tu és bem dita
Lá na infinita
Mansão do céu;
Oh! Mãe piedosa,
Mytica Rosa,
Astro sem véu!

Entre as mulheres,
Tu, virgem queres
De um Deus ser Mãe,
De um Deus que explira
Dos maus á ira,
Por nosso bem!

Bento é o fructo
Por quem, de lucto,
Sião gemeu.
Que a dura pena
Já Deus condenna
No seio teu.

Santa Maria,
Se nossa guia,
Mystica flor,
Leva estes prantos
Aos sacrosantos
Pés do Senhor.

Oh! Mãe de Christo,
Nos transes visto
Por ti na Cruz,
Por essas dores,
Nossos clamores
A Deus conduz!

Roga, intercede
Por nós e pede,
Pede ao Senhor;
Pede que as preces

Que tu lhe off'reces,
Tem mais valor

Nós peccadores
Por quem de dores
Morreu na Cruz,
Como atrever-nos
Dos céus etrenos
A olhar a luz?!...

Tu só lhe importa;
Pede-lhe agora
Hoje e na hora
Da extrema dor,
Quando o abandono
Deste vão somno
Nos leve ao thono
Do Salvador!

Em resumo: Felinto Cuntrim não pode ser considerado poeta bíblico, da mesma forma que o foram Eloy Ottoni e Souza Caldas. Mas versou, com uma insperação enérgica e rara na ambiência brasileira, os assumptos religiosos e de nenhum desses poetas ficou distanciado, mostrando-se pelo contrario, um cantor de grande fôlego.

Do lyrismo passional de Felinto Cuntrim se pode formar conceito muti elevado.

Foi, entretanto, o seu estro patriótico muito fraco, sendo elle um Rouget de L'Isle de apagados méritos.

Como traductor de trabalhos em prosa ou verso o professor de francez do Lyceu Alagoano foi sempre verdadeira notoriedade.

Alagoas, que elle não soube conquistar, não reconheceu essa notoriedade.

Emquanto ella se demasiava em ataques ao poeta, este que não era um homem forte, revidava as aggressões, que lhe tornavam cerrado o circulo de hostilidades formadas na urbe maceioense.

E assim levou elle uma Victoria sem triumpho, passando vão desconhecido, porem execrado, de seus contemporâneos, até que, jubilado a contra-gosto, ficou

entregue á profunda melancolia que procurava lenitivar
entoando,frequentemente,canções francezas.

Uma hérnia estragulada matou-o sendo o seu enterro feito às expensas do
Commendador Teixeira Basto, de cujas filhas fora professor o desventurado poeta.

Passou-se na guerra de Canudos um episodio em que um rapazola do typo
desgracioso dos sertanejos, depois de, com voz arrastada, consultar ao pai si podia
tomar um canhão famoso, obtendo resposta affirmativa,tentou a empreza,que ia
surtindo effeito magnífico.

Mas a temeridade do aipira e dos companheiros alliciados elle foi presentida
pelos soldados de Arthur Oscar, e uma lucta ferrenha, do assombroso epicismo,se
travou então.

O sertanejo brigou leoninamente e,ao chair mordendo o pó nas ânsias da
morte,bradou,com uma rara distincção de modos,com uma elegância perigrina de
attitudes,a seguinte phrase:

—Viram o que é ter coragem, canalhas?!...

É assim que deveriam morrer todos os que,tendo a cultura e o talento de
Felinto Cuntrim,são assediados pela inveja.

Infelizmente elle não soube se conservar na brecha, nem teve jamais um lance
dramático em sua vida entregue a perenne supplicio,que lembra os supplicios
mythologicos.

Maceió, 2 de Junho de 1932.

Moreno Brandão